



AS INFLUÊNCIAS ESTRANGEIRAS NA POESIA DE ÁLVARES DE AZEVEDO

FOREIGN INFLUENCES ON ÁLVARES DE AZEVEDO'S POETRY

Prof. Dr. José Osmar de Meloⁱ

RESUMO – Este ensaio tem por objetivo analisar a poesia romântica de Álvares de Azevedo a partir da perspectiva da influência da literatura estrangeira, sobretudo a de Byron, sobre sua produção poética.

PALAVRAS-CHAVE – Álvares de Azevedo, **Lira dos vinte anos**, desespero, ultrarromantismo, byronismo, pessimismo.

Sílvio Romero (1953) informa que o tempo de Álvares de Azevedo foi, especialmente em São Paulo, uma fase de agitação, de liberalismo, de entusiasmo, de movimento, de ideias e opiniões. Ali, em conformidade com o crítico literário, se acharam reunidos aqueles moços que levaram adiante dois dos maiores fenômenos da literatura da época: a cor local e a ruptura com as influências da Literatura Portuguesa.

ABSTRACT – This paper intends to discuss the romantic poetry of Álvares de Azevedo from the perspective of the influence of the foreign literature, above all the one of Byron about her poetic production.

KEYWORDS – Álvares de Azevedo, **Lira dos vinte anos**, despondency, ultraromantism, pessimism.

Inclusive, na obra de Álvares de Azevedo, por exemplo, esses dois fenômenos são patentes: por um lado, ele é um produto local, indígena, filho de um meio intelectual e de uma academia brasileira; por outro, ele nos arranca de uma vez da influência exclusivamente portuguesa. (ROMERO, 1953)

Ao que parece, a segunda parte da afirmação do crítico desmente o seu primeiro juízo. Certamente o



determinismo crítico positivista de Taine, muito em voga no século passado, e profundamente arraigado no espírito de Sílvio Romero, teria levado o autor a considerar a obra de Álvares de Azevedo um produto local e indígena.

Diferentemente de Sílvio Romero (1953), Eugênio Gomes (1961) não viu nenhum sentido no fato de o poeta ter ido buscar na obra de Shakespeare a epígrafe para o poema “Cantigas do sertão”. Segundo ele, mesmo quando escrevia sobre o sertão brasileiro, tema pouco explorado na sua obra, Álvares de Azevedo tinha o espírito voltado para a literatura estrangeira, pois ele travou intenso contato com Byron, Musset, Shakespeare e Victor Hugo. E os traduziu por inteiro. Além desses românticos, Álvares de Azevedo frequentou com assiduidade Lamartine, Shelley, Heine, Vigny e Ossian. Jamais abandonou esses mananciais. Porém, Byron, dentre os demais, foi quem mais influenciou a criação e a concepção de mundo de Álvares de Azevedo. O poeta assumiu, de tal modo, a filosofia do byronismo que acabou por pagar um alto preço por isso, já que ela o encaminhou, paulatinamente, para a autodestruição.

Inclusive, a marcante presença da morte na poesia de Álvares de Azevedo revela-se como uma influência genuinamente byroniana. Essa inclinação temática não domina

só a obra do poeta, como também lhe domina a vida.

Sob a influência do pessimismo mórbido de Byron, a ideia da morte sempre perseguiu Álvares de Azevedo. E era mais evidente que a possibilidade material, pois não havia doença de que se queixasse. As apreensões e angústias ditavam versos lamentosos, que mais tarde encontraram eco na realidade:

Quanta glória pressinto em meu futuro
Que aurora de porvir e que manhã!
Eu perderia chorando essas coroas
Se eu morresse amanhã!
(AZEVEDO, S/D, p. 57)

Nas constantes e melancólicas elucubrações, fechado em si mesmo, isolado da sociedade, concentrado no próprio eu, Álvares de Azevedo, sofrendo do mal do século, e, em estado geral de infelicidade e insatisfação, passou a aguardar a morte como visita que não faltaria em breve tempo:

Quando em meu peito rebentar-se a fibra,
Que o espírito enlaça à dor vivente,
Não derramem por mim nenhuma lágrima
Em pálpebra demente.
E nem desfolhem na matéria impura
A flor do vale que adormece ao vento:
Não quero que uma nota de alegria
Se cale por meu triste passamento.
Eu deixo a vida como deixa o tédio
Do deserto, o poento caminheiro,
- Como as horas de um longo pesadelo



Que se desfaz ao dobre de um sineiro.
(AZEVEDO, 1982 p. 118)

Obcecado pela ideia mórbida da morte, no poema “Se eu morresse amanhã”, o sentimento do eu lírico é de fim existencial, ao usar metáforas como a argila que iniciou a vida, que agora estaria desbotando, perdendo sua firmeza, e em seguida o Sol relacionado a uma luz divina que iluminaria os caminhos desse poeta impuro, cheio de sonhos, ilusões e esperanças acumuladas em vida. O fim está mais próximo do que nunca. E de fato estava. Trinta dias antes de sua morte, Álvares escreve “Se eu morresse amanhã”, poema que foi lido em seu funeral por Joaquim Manoel de Macedo (1820-1882), famoso autor de **A moreninha** (1844). Assim, pouco antes de morrer, o poeta parece pressagiar-lhe o próprio perecimento ao escrever:

Se eu morresse amanhã
Se eu morresse amanhã, viria ao menos
Fechar meus olhos minha triste irmã;
Minha mãe de saudades morreria
Se eu morresse amanhã!
Quanta glória pressinto em meu futuro!
Que aurora de porvir e que manhã!
Eu perdera chorando essas coroas
Se eu morresse amanhã!
Que sol! que céu azul! que doce n'alva
Acorda a natureza mais louçã!
Não me batera tanto amor no peito
Se eu morresse amanhã!
Mas essa dor da vida que devora
A ânsia de glória, o dolorido afã...
A dor no peito emudecera ao menos
Se eu morresse amanhã!
(AZEVEDO, S/D, p.57)

Logicamente, a questão da morte é acompanhada de muita dor, tristeza, sofrimento e angústia, ao saber que sua mãe sentiria saudades e sua irmã fecharia seus olhos, mas a tristeza vem acompanhada de uma glória, tão revisitada pelos poetas que desejam tornar-se imortais ao deixarem suas obras para o amanhã. A manhã seguinte encerraria a dor de viver, a dor de amar e, por fim, traria a glória, se, de fato, “eu morresse amanhã”.

E ainda outra vez infeliz, aziago, reitera:

Já de morte o palor me cobre o rosto
Nos lábios meus o alento desfalece.
Surda agonia o coração fenece,
E devora meu ser mortal desgostoso!
(AZEVEDO, 1994, 211)

O poeta ultrarromântico encarnou o byronismo até o fundo da alma. Acerca da poderosa presença do byronismo na poesia de Álvares de Azevedo e da relação dele com a obra poética azevediana, Cavalcante (2009) afirma o seguinte:

De certa forma, o byronismo representa essa busca desvairada da felicidade, por isso, tudo vale: a orgia, o erotismo, a loucura das paixões desenfreadas. Dotado de uma força interior, o ser se rebela contra toda e qualquer castração, reivindicando os direitos da carne, a manifestação dos instintos. Insurge-se contra a castração da liberdade absoluta de viver. A perda da felicidade, representada principalmente pela ausência do ser amado, leva os heróis azevedianos a se tornarem indiferentes diante da vida,



de uma indiferença universal, que os transforma em seres perdidos e solitários. Generalizam sua solidão e a universaliza como sendo a solidão definitiva de todo homem. (p. 10-11)

Nessa concepção, “o romantismo desenvolveu uma tendência fortemente individualista: o centro do mundo é o Eu. Tudo tende a se organizar em torno do sujeito, caracterizando o que ao nível das funções da linguagem se chama de função emotiva ou expressiva. Ou seja, a mensagem incide sobre o próprio enunciador” (CITELLI, 2007, p. 68). Em concordância a isso, para Bosi (2021, p. 97), “O fulcro da visão romântica do mundo é o sujeito. [...] O eu romântico, objetivamente incapaz de resolver os conflitos com a sociedade, lança-se à evasão. [...]. A natureza romântica é expressiva”. Nesse prisma, o eu-lírico – emissor da mensagem – é o centro do discurso, o qual se evade para ambientes medievais e quiméricos com uma natureza expressiva e noturna que faz referência ao âmago sentimental do herói. Esse egocentrismo é ilustre na segunda geração romântica, conhecida como byroniana e ultrarromântica, prevalecendo especificamente características atreladas à evasão, ao ceticismo, à atração pela morte, ao platonismo, ao desajuste e ao sarcasmo. Os autores que expuseram esses atributos com excelência foram Casimiro de Abreu,

Junqueira Freire, Fagundes Varela e Álvares de Azevedo.

No que tange ao poeta Álvares de Azevedo,

[...] foi fortemente influenciado por Lord Byron, o irrequieto poeta inglês mostrado como exemplo vivo do mal do século. Andando pela Europa, vivendo aventuras amorosas recheadas de escândalos, colocando a vida a serviço de “causas justas”, morrendo na Grécia ao lutar pela liberdade do país, adepto de um expressivo satanismo, revelador da tensão entre o eu e o mundo, Byron criou uma legenda da qual os autores da segunda geração extraíram não apenas ritmos poéticos, mas também ritmos de vida. Musset e Byron foram nomes que ajudaram Álvares de Azevedo a acentuar a tendência de cansaço com a vida, marcando, em plena adolescência, um precoce envelhecimento, um mal-estar. (CITELLI, 2007, p. 58).

Nesse mesmo viés, para Afrânio Coutinho (2004), as principais peculiaridades do Romantismo são individualismo e subjetivismo com uma postura pessoal e íntima, ilogismo com alternância de polos opostos, senso de mistério com ênfase no sobrenatural e no terror, escapismo a um mundo idealizado, reformismo por meio de revoluções, sonhos representados por símbolos e mitos, fé ligada à faculdade mística e à intuição, culto da natureza entendido como refúgio puro e curativo, retorno ao passado histórico com destaque para a Idade Média, pitoresco associado a terras



IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem
Nº 1 Ano I dez/2024
ISSN 3085-7309

longínquas como as orientais e o exagero relacionado à supervalorização dos sentimentos ou das qualidades das coisas e das pessoas. De maneira específica, a segunda geração romântica, ele a chama de terceiro grupo ou “geração do mal do século” em razão da “influência” byroniana que estimulou a morbidez, a dúvida, a negatividade e a melancolia.

Sob a influência inexorável e avassaladora de Byron, o desencanto foi aos poucos dominando o estado de espírito do poeta Álvares de Azevedo, passando a visitá-lo sem longas interrupções. E não acontecia sem motivo: o pressentimento da morte mais e mais invadindo os dias do poeta, e com tanta insistência, a ponto de se confundir com a certeza. Seria a vida estrangulada quando mal nascia a consciência de sua significação. Todos os caminhos sonhados, rasgados pela imaginação, estariam fechados e destruídos. Todas as aspirações perdidas para sempre, destruídos todos os planos, tantos sonhos de glória e realização artística interrompidos.

A natureza foi-lhe pródiga em poder de criação e dons de inteligência, pois o poeta chega mesmo às raias da genialidade. Ela lhe concedeu ainda a intuição e a antecipação no conhecimento, no entanto o pessimismo, as contradições da alma e os paradoxos do

pensamento secam-lhe o ânimo vital, destroem-lhe o corpo e lhe envenenam a alma. Uma força maior que sua vontade lhe dizia que não adiantaria resistir; sentia perder o que no fundo do peito faria o possível (se pudesse) para não deixar escapar. Resistia, às vezes, mas desesperando, sabendo que a resistência não lhe traria a convicção de que se afastaria a sombra que avançava ao seu encontro. Ao contrário, o conhecimento da verdade – da verdade de seu destino – se ia aprofundando, como gume da lâmina na carne da vítima.

No poema “Lembranças de morrer”, o eu lírico apresenta em seus versos a ideia de que a eliminação da fronteira entre vida e morte, presente e futuro, lhe traria o conforto e a eternidade, ao se mesclar à natureza, como o desfazer das “horas de um longo pesadelo”. Nos versos seguintes, o poeta enaltece apenas a saudade e a lembrança da ilusão amorosa que sofreu durante sua juventude, e, também, de seus pais, que o consolaram nos momentos de dor, tristeza e febre:

Como o desterro de minh'alma errante,
Onde fogo insensato a consumia:
Só levo uma saudade... é desses tempos
Que amorosa ilusão embelecia.
Só levo uma saudade... é dessas
sombras
Que eu sentia velar nas noites
minhas...
De ti, ó minha mãe, pobre coitada,
Que por minha tristeza te definhas!
De meu pai... de meus únicos amigos,



Pouco - bem poucos... e que não zombavam
Quando, em noites de febre endoudecido,
Minhas pálidas crenças duvidavam.
(AZEVEDO, 2000, p. 49)

Na oitava estrofe desse poema, o poeta volta a lembrar da dor do amor que não se concretizou, mas logo em seguida, na nona, retoma o desejo de realizar esse amor pós-morte: “Filha do céu, eu vou amar contigo!” Na estrofe subsequente, completa a ideia de que pós-vida a dor e a mágoa desaparecem, ao pedir para que escrevam em sua lápide: “- Foi poeta – sonhou – e amou na vida”. Nas duas últimas estâncias de “Lembranças de morrer”, invoca aos elementos da natureza a sua proteção e transformação em um ser atemporal, que habitaria um entre lugar/tempo, dia e noite, dando o sentido de eterno renascimento:

Sombras do vale, noites da montanha
Que minha alma cantou e amava tanto,
Protegi o meu corpo abandonado,
E no silêncio derramai-lhe canto!
Mas quando preludia ave d’aurora
E quando à meia-noite o céu repousa,
Arvoredos do bosque, abri os ramos...
Deixai a lua pratear-me a lousa!
(AZEVEDO, 2000, p. 49-50)

Observa-se que tanta preocupação com a morte, descrita muitas vezes de forma romântica, era algo que realmente estava presente fortemente na vida e obra do poeta. Para Álvares de Azevedo, a morte tinha um

sentimento dúbio de medo e revitalização, de sofrimento e purificação. A temática da morte não se resumia apenas a uma estética da literatura romântica, mas também a um contexto histórico, que, naturalmente, refletiu na arte como um todo. Morte e melancolia estarão sempre atreladas na obra do nosso poeta.

Álvares de Azevedo era em pessoa o ceticismo, a desesperança, o tédio da vida e a procura da morte. Era uma figura deprimente. Vez por outra, é que manifestava ânsia de viver, repudiando a ideia de morrer. E caía na contradição, na dialética existencial, onde a ânsia de morrer falava mais alta. E bendizia a morte. Para o poeta, só ela poderia solucionar lhe todos os problemas.

Apreendeu o sentido da existência, inclusive o seu sentido trágico, na idade em que os homens se escondem na indiferença ou no esquecimento daquilo que é perecível e precário em seu destino. A natureza, pródiga com ele em dons de sensibilidade e em faculdades intelectuais, deu-lhe a percepção dos fenômenos naturais a sobrenaturais que criam e, ao mesmo tempo, destroem a criatura humana.

Na fase do instinto se sobrepondo aos demais impulsos, ele concebia o amor em profundidade; no período em que deveria esperar a vida, ele se preparava para enfrentar a morte; na idade em que os livros são mais



IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem
Nº 1 Ano I dez/2024
ISSN 3085-7309

imposição do que prazer, para ele eram o próprio sentido de viver e respirar. Se a vida lhe concedeu possibilidades mentais extraordinárias, é natural que as utilizasse para investigar os seus mistérios, consciente do que poderia fazer e realizar quando vivesse o necessário.

Pressentindo-se sentenciado por uma estranha fatalidade, só lhe restava desesperar. “Que fatalidade, meu pai!” Foi o seu canto de cisne, carregado da terrível percepção da própria perda e do esperado malogro.

Se uma voz lhe anunciava um acontecimento infausto, e outro lhe indicava uma trajetória de escolhido dos deuses, o poeta não atinava com a lógica do que estava pressentindo. Fatalizava-se antes do meio do caminho. O veio criador, que sentia transbordar antes do tempo sazonal, não encontraria a expressão definitiva nem se amoldaria à experiência humana, que depura e cristaliza. Estaria aí uma das fontes do seu drama de condenado à morte prematura, de onde sairia para a descrença, às vezes, sardônica, quando não era lamentosa; para a nostalgia do que deixou de vir e do que não viria; para a agonia de um tormento, de que só se desprendia para o mergulho, ainda que intermitente, no que ele mesmo chamou de utopias.

Vivia entregue a um temor invencível, pois o que renunciava no tocante às suas derrotas só lhe causava espanto. A insistência dos presságios deixava-o em estado de choque emocional, amarrado à idéia fixa da morte chegando; e é quando encontraremos a razão de toda a energia do seu canto, trespassado de autenticidade dolorida. Temperamento excitável, propendendo às reações de caráter mórbido, teria de se expor às doenças de fundo patogênico a que não pôde escapar. Na sua psique de introvertido, tal temperamento se oferecia como ponto vulnerável, ou zona de fácil contágio, exposta às piores incidências.

A parte amorosa de sua poesia traz toda ela um laivo de tristeza, que é contagiante. O seu lirismo é saudoso, cheio de mágoas, para quem o objeto da sua contemplação e dos seus anseios está sempre distante, longe das mãos e da respiração:

Ai! quando de noite, sozinha à janela
Co’ a face na mão eu te vejo ao luar,
por quem suspirando tu sonhas,
donzela!

A noite vai bela
E a vida desmaia
Ao longo da praia do mar.

Donzela sombria, na brisa não sentes
A dor que um suspiro em meus lábios
tremeu?

E a noite, que inspira no seio dos entes
Os sonhos ardentes,
Não diz-te que a voz
Que fala-te a sós



Sou eu?
(AZEVEDO, 1982, p.32)

Suscetível por demais aos estados doentios que o assaltaram e lhe cercearam o impulso de viver normalmente, esmagando-lhe as forças criadoras em pleno início de eclosão, reagiu com lágrimas e algumas vezes com certo cinismo meio imitado dos Byron e Musset desalentados. Byron guardava no peito uma chaga dorida e funda. E Álvares de Azevedo bebeu na sua fonte, contraiu sua doença e a curtiu profunda e sinceramente até a morte.

Byron era cria de Voltaire. Os poemas do bardo inglês são o espelho para toda a sua época. A filosofia byroniana acabou por jogar nosso poeta no precipício. A filosofia byroniana estabelecia o axioma do ceticismo até às últimas consequências, e Álvares de Azevedo o viveu até às últimas consequências. Talvez daí a riqueza de sua poesia. Digo isso porque toda experiência vivida profundamente costuma gerar grandes obras. A esse respeito, Nietzsche dizia que “se uma árvore quer atingir o céu, suas raízes precisam aprofundar-se até o mais profundo inferno”. Ao que parece, esse é o caso do autor de **Macário**.

Álvares de Azevedo criou uma grande obra, indo ao fundo do poço. As obras de arte nascem sempre de quem foi até o extremo de uma experiência

(ou do sofrimento), até o ponto que nenhum ser humano pode ultrapassar. Quanto mais longe a levamos, mais própria, mais pessoal, mais única se torna uma vida. Álvares de Azevedo levou a experiência byroniana até o extremo e praticamente, de uma maneira camuflada, se matou.

Shelley, outro poeta que Álvares de Azevedo frequentou com assiduidade, era, também, demasiado cético. Sua descrença é desnuda e macilenta – fria como um túmulo. É o cético apertando com os braços no peito vazio a coroa seca das esperanças descritas. Morreu tísico. Nos olhos acesos de um lume estranho, na feição cadaverosa daquele rosto não havia só gravado o desnervar de um organismo insanável; naquela palidez havia mais: era uma febre que tinha chegado no seu esgar à calmaria que preludia no seu abafamento as tormentas do coração.

Musset que muito influenciou Álvares de Azevedo possuía uma descrença mais suave, mais aérea, de uma melodia que canta intimamente como um lamento em surdina. Sonhou mais que sofreu; teve agonias; mais agonias no cérebro do que no coração. Foi ao amanhecer de um sonho assombrado pelos cantos de D. Juan de Voltaire que ele acordou incrédulo.

Byron, especialmente Byron, Musset e Shelley foram inspiração para Álvares de Azevedo; mas,



também, foram a taça de veneno. Eles o mataram.

Álvares de Azevedo sorveu todo o amálgama de sentimentos e atitudes que se vinham caracterizando desde as primeiras irradiações do Romantismo; nele se fundiu, unificando-se e criando raízes. O que havia de mimetismo em seu comportamento lírico e humano não era mais que a infiltração numa sensibilidade vulnerável, do clima, da concepção do mundo, das emoções com que se vinha afirmando uma geração, cujo grito lancinante sacudiu e comoveu um longo período do século dezenove.

Assim, Álvares de Azevedo era a própria permanência da atmosfera de desânimo, angústia, ensimesmamento, ceticismo e pânico, oriundos das indeléveis influências de Byron e de Shelley, passando por Lamartine e Musset, atingindo a segunda geração do Romantismo brasileiro, sobretudo os que estudavam Direito em São Paulo.

Nesse caso, Álvares de Azevedo não saiu ileso das leituras desses desenganados, sendo, por isso mesmo, o representante máximo de uma geração que foi, brutalmente, atingida pelo mal do século.

Em Álvares de Azevedo, mais ainda que na própria terra de origem, o Ariel e o Demônio do Romantismo se associavam de modo conflitante (Byron e Shelley). Por isso mesmo, o

poeta sempre se alternava entre as reações e manifestações mais contraditórias e antagônicas, padecendo as tensões de sua própria mobilidade, de sua surpreendente instabilidade.

Álvares de Azevedo era tão triste nos motivos humanos e espirituais que seu riso galhofeiro e desbragado, presente em alguns poemas, não nos convence, de modo algum. Parece que escapava para a troça por esforço um tanto arbitrário, organizando com ela suas próprias defesas, faltando-lhe talvez nessa reação idiossincrática a espontaneidade e naturais expansões. Era decerto um recurso contra a presença da dor vivente, parecendo contrafação psicológica, ao invés de explosão incontrolável, lembrando mais histeria introjetada e logo reprojeta em assomos chocantes.

Quando se deixa tomar por esses assomos de distorção moral, sua poesia repercute dissonantemente, intercalando-se noutras notas que nele se distribuem sem que seja violentado o ritmo da mudança de um estado a outro estado espiritual. Não consegue encontrar harmonia e atração maior nessas produções mais hilariantes e jogralescas, vendo-as, embora como fuga artificial, por certo explicável dentro do seu caótico processo interior, tão atordoado quanto atordoante.

Essa distorção moral será, sem dúvida, um aspecto a mais para a



interpretação e a devida compreensão do seu desespero existencial, ainda presente em nossa nostalgia literária, principalmente na alma dos poetas que se deixam apossar pela revolta metafísica.

O desespero existencial de Álvares de Azevedo, aguçado e extremado pelo sentimento romântico que tanto oscilou entre zonas de luz e sombra, ainda rebate em nosso tempo, podendo ser avaliado e captado em plenitude, apesar de serem outras as motivações e outros os nossos condicionamentos culturais, morais, estéticos, sociais, políticos, históricos e econômicos.

Será também mais um roteiro para o intérprete que se disponha a penetrar a trama das angústias e perplexidades do poeta, e saiba saborear as vibrações de uma individualidade criadora que reativamente padeceu as repressões e limitações do tempo que lhe foi dado viver e do meio que irrompeu como flor exótica de criação e sensibilidade.

As manifestações irônicas da verve poética de Álvares de Azevedo, sobre as quais brevemente nos referimos anteriormente, já trazem outra marca, sendo linha de passagem entre os estados contrários e adversos. O humor assim estimulado pelos acessos de descrença foi, de fato, em Álvares de Azevedo, uma doença romântica, oriunda também da influência de Byron e do poeta

romântico alemão Heinrich Heine. Atitude, é claro, que não resistiu à dor vivente de quem sentiu o abismo sob os pés – seu arremedo cruel, seu mimetismo trágico, sua risada contrafeita. Antes do riso e da ironia, estava sempre a mágoa, como nos seguintes versos:

Sonhou - amou - cantou! em loucos versos
Evaporou a vida absorta em sonhos -
E de balde! Ninguém chorou-lhe os prantos
Que sobre as mortas ilusões já findas
Pálido derramara -
Amou! e um peito
Junto ao seu não ouviu bater consoante
C'os amores do seu! Ninguém amou-o
Ninguém as mágoas lhe afogou num beijo!
(AZEVEDO, 1982, p.68)

O lirismo mais sincero de Álvares de Azevedo estava na tristeza fluindo naturalmente, sem dissimulação nem contrações. Sem disfarces nem sarcasmo. É a mesma tristeza que o acompanhou nos devaneios de amoroso inibido e esquivo. Nas efusões panteístas. No augúrio da morte. Mais cerebral e intelectualizada será, sem dúvida, a sua face demoníaca, a mesma que fez com que Ronald de Carvalho (1958) o associasse a Leopardi e a Heine.

Sopesando-se o que na parte byroniana de sua poesia possa denunciar origens ou adoções estranhas, encontraremos também a sua contribuição, a sua marca, mesmo



no que haja de reflexivo; isso sem nos referirmos à personalidade dos poemas mais visivelmente carregados das soluções e da temática do Romantismo.

Tudo será mais bem compreendido desde que chegemos a um conhecimento maior do drama do poeta, humano apenas nas implicações e conseqüências desastrosas que se seguiram. Será antes o drama de quem sofreu mais no espírito do que na carne: drama dos angustiados sem salvação, das vítimas do desespero existencial do Romantismo. Tivemos aqui os nossos doentes daquele “mal do século” tão decantado, e que não foi somente imaginário como se depreende pelas tumbas que produziu. Certo é que quase todos morriam cedo, e nesse rol entraram alguns de genialidade presumida. Ele, o mais jovem entre os brasileiros que morreram antes dos vinte e cinco anos.

O nosso caso mais típico, mais representativo, foi mesmo Álvares de Azevedo, cuja tristeza persistia até nos intervalos mais aliviados, nos pedaços de tempo concedido às “*intermittences du coeur*” de que falava Proust ou nos minutos de aparente recomposição interior.

Nenhum dos nossos românticos se entregou tanto à sua dor, ao seu individualismo, aos seus próprios fantasmas, como Álvares de Azevedo. Todos os outros bandearam para

novas fontes de criação poética, em que se distinguiram e se afirmaram; menos ele que quase não saiu do círculo de seu tormento metafísico, projetando a sua sombra na vida da nossa poesia, na qual continuará único e isolado, a renovar o nosso espanto.

A afirmação de sua individualidade estará principalmente nisso: ter conseguido impor a tantas gerações, que já se sucederam depois dele, a sua presença de egocentrismo, de subjetivista exacerbado, que fez sua dor maior que o mundo. Muito maior.

A alta qualidade lírica de sua poesia, aliada a uma realização estrutural visível, (se não esquecermos os seus vinte anos) não o incompatibilizou com o sentimento do ritmo com a translucidez verbal que o torna descritivo e velado ao mesmo tempo. Embora se tenha definido contra “o tedioso emendar que gela a veia”, construir com bom gosto e consciência formal os seus poemas, com vistas a se incluir entre os que procuraram uma língua de sabor nacional.

Nesse ponto, afastava-se bastante de Gonçalves Dias, pois desprezara a arraigada tradição do nosso comportamento literário. O impulso lírico e a dignidade artística bem conciliada em suas melhores produções bastariam para aproximar dele qualquer leitor moderno ou mais familiarizado com a linguagem



IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem
Nº 1 Ano I dez/2024
ISSN 3085-7309

poética e com a imagística mais espontânea.

Até aí, no entanto, talvez ainda estivéssemos sem o contágio de sua atmosfera pessoal, a que não daria para identificar e descobrir a sua essência. O melhor desta essência estará nas entrelinhas, quando o apelo de suas confidências quer nos levar à participação de um drama que nos vai ferir também. É quando surpreendemos o poeta em sua fisionomia inteira – a exterior e a secreta – à qual ficaremos presos por entranhados elos de solidariedade comovida, totalizada:

Estou agora triste. Há nesta vida
Páginas torvas que se não apagam.
Nódoas que não se lavam... se esquecê-
las

De todo não é dado a quem padece
Ao menos reata ao sonhador consolo
No imaginar dos sonhos de mancebo!

Oh! voltaí uma vez, eu sofro tanto!
Meus sonhos, consolai-me! distraí-me!
Anjos das ilusões, as asas brancas
As névoas puras, que outro sol matiza,
Abri ante meus olhos que abraseiam
E lágrimas não têm que a dor do peito
Transbordem no momento...

E tu, imagem,
Ilusão de mulher, querido sonho,
Na hora derradeira, vem sentar-te,
Pensativa, saudosa, no meu leito!

Ilusão, ideal, - a ti meus sonhos,
Como os contos a Deus se erguem
gemendo!
Por ti meu pobre coração palpita,
Eu sofro tanto! Meus exaustos dias
Não sei por que logo ao nascer
manchou-os

De negra profecia um Deus irado.
Outros meu fado invejam. Que loucura!
Que valem as ridículas vaidades
De uma vida opulenta, os falsos mimos
De gente que não ama? Até o gênio
Que Deus lançou-me à doentia fronte,
Qual semente perdida num rochedo
Tudo isto que vale, se padeço?
(AZEVEDO, 1982, p.218)

No que concerne à tese de Sílvio Romero (1953), aludida, sucintamente, no início deste artigo, podemos refutá-la, pois a poesia de Álvares de Azevedo não revela nenhuma impregnação afetiva e enfática da realidade nacional ou do momento histórico em que viveu. E sua obra comprova isso. Em conformidade com Afrânio Coutinho (1979), esporádicas ou meramente circunstanciais são as manifestações do intuito da nacionalidade que arrebataram momentaneamente o subjetivismo lírico do poeta. No entanto, pulsava nele uma consciência social e cívica, e disso é um exemplo admirável o poema dedicado a Pedro Ivo, mas distraído pelo cosmopolitismo intelectual.

Nesse poema, Álvares de Azevedo fustiga os erros decorrentes das paixões políticas, invectivando as repressões e punições postas em prática contra os chefes da Insurreição Praieira, ensaiando posições antimonárquicas, embora em tom respeitoso, quando tratava D. Pedro II de “Senhor”. Eis o poema:



Perdoai-lhe, senhor! Ele era um bravo!
Fazia a face descorar do escravo
Quando ao sol da batalha a frente
erguia,
E o corcel gotejando de suor
Entre sangue e cadáveres, corria!
O gênio das pejejas parecia...
Perdoai-lhe, senhor!
Onde mais vivo em peito mais valente
Num coração mais livre o sangue
ardente
Ao fervor desta América bulhava?
Era um leão sangrento que rugia:
Da guerra nos clarins se embriagava
E nossa gente pálida se recuava
Quando ele aparecia!
Era filha do povo – o sangue ardente
Às faces lhe assomava incandescente
Quando cismava do Brasil na sina...
Ontem - era a lâmina assassina,
No cadafalso a vil carnificina
Que em sangue jubilava!
(AZEVEDO, 1982, p 397-398)

Este poema expressa a rebeldia juvenil de Álvares de Azevedo. O poeta era liberal e anarcoide. Era também maçom, mas maçom romantizado. Tinha sentimento republicano e estava ciente das ideias liberais que se disseminavam pela Europa.

Confrontadas, porém, com a ideologia bolorenta do grupo de Magalhães, esse posicionamento radical do jovem Álvares de Azevedo significa um passo avante na formação de uma corrente democrática que, no âmbito das Academias de Direito e das sociedades secretas, fazia oposição (ainda que retórica) ao imobilismo monárquico e aos abusos do clero.

Pedro Ivo, exaltado por Álvares de Azevedo, era o herói da Revolução Praieira de Pernambuco, que perseguido se escondeu no interior do estado, entregando-se aos legalistas da monarquia, acreditando que seria anistiado, engodo que não demorou a perceber durante a prisão no Rio de Janeiro, de onde fugiu para morrer em meio à viagem com destino à Europa.

Pedro Ivo tentara implantar com a Revolução Praieira, de norte a sul e vice-versa as ideias ultraliberais. Essas ideias já voavam de norte a sul, e Pedro Ivo tentara torná-las efetivas, concretas com a revolução. E isso muito empolgou os estudantes de Direito de São Paulo e Olinda.

Além desses ecos políticos, há também emanações nativas na obra de Álvares de Azevedo. O poeta não deixou de ser sensível, mesmo que idealmente, aos apelos tropicais, que, presentes no descritivismo paisagístico, manifestam-se mediante o canto dolente, merencório e magoado do sabiá saudoso, cujo canto o poeta gostava de ouvir nos laranjais do vale e nas matas que conheceu nas viagens a cavalo entre Santos e São Paulo.

Em alguns poemas, podemos vislumbrar cores incendiadas de ardentes sóis crepusculares (“Crepúsculo na Montanha”). O harmonioso e requintado traço pictórico imagístico do poeta sabia



como quebrar a incandescência tropical e descerrar os longos véus de sombras que fazem dele o maior pintor de paisagens em lusco-fusco, fossem na “fresca aurora”, “no crepúsculo do mar ou das montanhas”, ou ainda quando os serros fantásticos roxeiam nas tardes de verão”.

Percebemos essas emanções nativas nos primeiros poemas da 1ª parte da **Lira dos Vinte Anos**. Mas essa paisagem era idealizada. No fundo, Álvares de Azevedo sentiu-se esmagado pelo ambiente físico brasileiro. Ele não sentiu entranhadamente a nossa natureza e, longe de exaltar-lhe os encantos ou a selvagem majestade, parece ter vivido, de algum modo, esmagado ou constrangido pelo ambiente físico brasileiro. (COUTINHO, 1979)

Em 1850, dizia, ao discursar: “Sem uma poesia nacional, como quereis uma nação?”. Apesar de se posicionar assim, o poeta estava “despaisado” demais por sua cultura para dar à arte um significado ou substrato nacional. As ideias e os temas estrangeiros afluíam-lhe ao cérebro sempre que procurava celebrar ou fixar os tipos, episódios ou cenas da vida brasileira. Haja vista o poema “Cantigas do Sertão” a que principiou por dar uma epígrafe tirada de Shakespeare.

Outro exemplo de negação da paisagem brasileira aparece numa

passagem de **Macário**. Este personagem interrompe Penseroso em suas expansões de entusiástico ufanismo e diz que:

(...) nos mangues e nas águas do Amazonas e do Orenoco há mais mosquitos e sezões do que inspiração: que na floresta há insetos repulsivos, répteis imundos, que a pele furta-cor do tigre não tem o perfume das flores – que tudo isto é sublime nos livros, mas é soberanamente desagradável na realidade! (AZEVEDO, p. 45, 1988)

A natureza, hostil e bravia, encheu, em suma, de algum terror a imaginação desse sôfrego adolescente, a quem as leituras estrangeiras apontaram tantas direções, sem que pudesse encontrar estabilidade em nenhuma delas.

Esmagado pela imagem da vida circunstante, via-se obrigado a se refugiar em suas compensações abstratas. E o fez até a morte, vivendo fechado em si mesmo, isolado, profundamente angustiado, afastado da sociedade e mergulhado nas elucubrações fictícias, abstratas e, sobretudo, bem distante de sua terra da qual era filho dileto e culturalmente conflitado.

A esse respeito, poderíamos indagar: qual é a verdadeira face de Álvares de Azevedo? Provavelmente uma face cosmopolita, pois, no que tange às influências estrangeiras, Byron lhe foi o poeta predileto. E poderíamos, também, perguntar: por



IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem
Nº 1 Ano I dez/2024
ISSN 3085-7309

que seria Byron seu autor predileto? Deveria haver uma razão mais profunda que a simples moda da época para assim inclinar nosso poeta a mascarar sua alma com roupagem de empréstimo.

Ao que parece, trata-se da tentativa de evasão, de fugir ao próprio “eu” pela criação de uma personalidade fictícia sobre a qual se projetassem os desejos frustrados que compensassem, imaginariamente, a mágoa das deficiências vividas e que ocultassem ao público e, talvez, ao próprio poeta, o senso íntimo de fracasso.

Byron tinha um grande complexo de inferioridade. Seu cinismo superficial, fanfarronadas, eram provenientes desse sentimento. É

possível que Álvares de Azevedo tentasse criar para si próprio, talvez como compensação à vida que sentia estreita e frustrada, a ilusão de verdade daquele mundo imaginário.

Sendo único, com uma poesia extremamente individualista, pessoal e de influência byroniana, perpassada pela dúvida, descrença e desengano, Álvares de Azevedo trouxe às nossas letras o amargor irônico, a inquietação, a melancolia, o pessimismo, que herdou da íntima convivência com os poetas da Europa, principalmente Byron, deixando-se avassalar completamente por ele. E, talvez, por isso, não tenha se tornado o poeta máximo do Romantismo brasileiro.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZEVEDO, Álvares de. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000.
- AZEVEDO, Álvares de. **Lira dos vinte anos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982.
- AZEVEDO, Álvares de. **Lira dos vinte anos**. 3 ed. Cotia/SP: Ateliê Editorial, 1999.
- AZEVEDO, Álvares de. **Lira dos vinte anos**. São Paulo: FTD, 1994. (Coleção Grandes Leituras).
- AZEVEDO, Álvares de. **Macário**. 3 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.
- AZEVEDO, Álvares de. **Poemas malditos**. Disponível em NEAD: Núcleo de Educação a Distância, UNAM – Universidade da Amazônia: <<http://www.nead.unama.br>>. Acesso em 20 de maio de 2017.
- BROCA, Brito. **Românticos, Pré-Românticos, Ultrarromânticos**: vida literária e romantismo brasileiro. São Paulo: Polis, 1979.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 53 ed. São Paulo: Cultrix, 2021.
- CARVALHO, Ronald de. **Pequena história da literatura brasileira**. 11 ed., Rio de Janeiro: Briguiet, 1958.
- CAVALCANTE, Maria Imaculada. A presença do byronismo na produção literária de Álvares de Azevedo. **RevLet: Revista Virtual de Letras**, v. 01, p. 1-17, 2009.
- COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil**. 3 ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.
- COUTINHO, Afrânio. **Introdução à literatura no Brasil**. 12 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.
- CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira**: momentos decisivos. 6 ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1981.
- CITELLI, Adilson. **Romantismo**. 4 ed. São Paulo: Ática, 2007.
- GOMES, Eugênio. **Shakespeare no Brasil**. Rio de Janeiro: São Paulo: Editora MEC, 1961.
- GOLDSTEIN, Norma Saltzer. **Literatura Brasileira**: estudo de textos. 4 ed. São Paulo: Ática, 1977.
- ROCHA, Ailton. **Álvares de Azevedo**: Anjo e Demônio do Romantismo. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982.
- ROMERO, Sílvio. **História da Literatura Brasileira**. 5 ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1953.

ⁱ Pós-doutor em Literatura Brasileira pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ. Mestre e Doutor em Literaturas de Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas. Pesquisador do Grupo de Pesquisa Estudos de Literatura e Cultura da *Belle Époque* – LABELLE –, no Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ. Professor de Literatura Brasileira na Universidade do Estado de Minas Gerais/UEMG. E-mail: joseosmardemelo@yahoo.com.br joseosmarmelo@hotmail.com